

AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2000-2014

Uallace Moreira Lima

Pesquisador bolsista na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea. Professor adjunto da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Entre 2002 e 2014, os movimentos brasileiros nas suas políticas de relações diplomáticas e comerciais, em diferentes cenários internacionais, sinalizavam um interesse afirmativo e proativo em busca de ter maior visibilidade na economia internacional. Esses movimentos encontravam sustentação interna e só poderiam ser paralisados, de acordo com muitos analistas, se houvesse retrocessos protecionistas e nacionalistas originados nos países centrais ou mesmo na China. Nessa perspectiva, este estudo analisa diretamente as relações que se construiu entre o Brasil e os Estados Unidos, nota-se que houve uma busca pelo fortalecimento da cooperação no quadro multilateral e bilateral. Na análise dos fundamentos da política externa brasileira dois conceitos ganharam relevância: *i*) autonomia, que alguns identificaram com soberania; e *ii*) universalismo, que serviu também para explicar parte dos rumos e das estratégias de diálogo do Brasil com os Estados Unidos.

O objetivo desse trabalho é analisar o fluxo comercial entre Brasil e Estados Unidos entre 2000 e 2014, considerando sua evolução ao examinar alguns indicadores, como as pautas exportadoras e importadoras, a importância relativa do comércio bilateral, o índice de intensidade do comércio, o índice de concentração, o índice de vantagem comparativa revelada e o padrão intersetorial do comércio bilateral. Para contextualizar a análise do fluxo comercial entre os dois países, apresenta-se uma breve retrospectiva da condução da política externa brasileira entre 2000 e 2014, particularmente considerando as estratégias das relações diplomáticas do Brasil em relação aos Estados Unidos, cujo objetivo é oferecer subsídios para construção de hipóteses e especulações sobre a relação entre política externa e fluxo de comércio. Nesse sentido, é importante deixar em evidência que não se pretende fazer qualquer tipo de afirmação de que a política externa tenha determinado o compor-

tamento dos fluxos comerciais entre os dois países, pois durante o período analisado houve vários outros fatores operando e não há uma análise mais profunda que permita captar adequadamente qual a relevância da política externa.

A orientação da política externa brasileira está associada a uma nova dinâmica de crescimento e inserção externa do Brasil, pois muitos estudos apontam para o fato de que, ao longo do final do século XX e início do século XXI, o padrão de crescimento da economia brasileira foi marcado pela baixa diferenciação da estrutura produtiva e por um encadeamento frágil, sem força dinâmica para gerar um crescimento econômico, com o investimento assumindo um papel dominante, sem uma modernização significativa do parque industrial, de tal modo que os ajustes na política econômica do país nos anos 1990 e 2000 provocaram o abandono de linhas de produto com maior agregação de tecnologia, havendo uma substituição de produção local de partes, peças e componentes por importações, ocasionando, assim, um *downgrade* da produção doméstica.

Esse baixo dinamismo da estrutura produtiva implicou uma re-especialização da indústria brasileira na direção dos setores intensivos em recursos naturais, com baixo dinamismo e uma menor elasticidade-renda da demanda, principalmente quando se analisa a pauta exportadora, pois fica em evidência que o desempenho comercial favorável nos últimos anos esteve fortemente baseado em produtos de menor grau de elaboração, intensivos em mão de obra e recursos naturais, o que o torna bastante vulnerável ao cenário internacional, visto que o comércio mundial é crescentemente concentrado em produtos de maior intensidade tecnológica.

É relevante notar que esse padrão geral de inserção externa brasileira no comércio internacional coincide com o momento em que a relação comercial do Brasil com os Estados Unidos passou por mudanças, como

será mostrado ao longo deste estudo, pois, além dos Estados Unidos perder o posto de principal parceiro comercial brasileiro, a pauta exportadora do Brasil para os Estados Unidos teve perda da participação dos produtos de maior grau de elaboração, enquanto na pauta importadora do Brasil em relação aos Estados Unidos os produtos de maior elaboração ganharam espaço. Ou seja, a condução da política externa brasileira no século XXI, tendo como sustentação a busca pela autonomia e o universalismo, promoveu mudanças nas relações comerciais externas brasileiras, com uma maior diversificação de mercados dos países de origem das importações e os países de destino das exportações brasileiras, particularmente com a China ganhando papel de maior relevância. Por exemplo, a China passou do 14º lugar na lista dos principais mercados de exportação do Brasil e de 12º na lista de importação, em 1998, para o primeiro destino das vendas brasileiras a partir de 2009 e, a partir de 2012, passou a ocupar a primeira posição entre os países de origem das importações brasileiras. Concomitantemente, os Estados Unidos perderam a centralidade tanto como destino das exportações brasileiras quanto como origem das importações, além das mudanças ocorridas

SUMÁRIO EXECUTIVO

Texto para Discussão